

TÁ-MAR

Peça em 3 actos de ALFREDO CORTEZ. Publicada em 1936.

Estreada no Teatro Nacional de Almeida Garrett em 11 de Janeiro de 1936.

[...]

2 cenas: cozinha de uma casa de pescadores (1.º e 3.º actos); largo exterior a casa (2.º acto). Acção numa aldeia da beira-mar; actualidade.

Manel Lavagante, pescador da orla marítima, casado há duas semanas com Maria Bem, é cobiçado pelas outras moças da aldeia, entre as quais Lionor, a quem trocou por aquela – o que esta não lhe perdoa. Mas a sua grande paixão é o mar, é tão grande que só dele fala à mulher, com quem ainda não teve relações. Queixa-se Maria Bem, que anseia por ser do «seu homem» e dar-lhe filhos – a ele e ao mar. Um dia em que o mar amanheceu bravio e os pescadores hesitam em fazer-se a ele, Lavagante rodeia-se de meia-dúzia de homens valentes e atira-se em desafio as ondas. Sobrevém a tormenta. A embarcação de Lavagante luta desesperadamente para voltar a terra. As mulheres, aflitas, erguem na praia o seu clamor secular, soltam ao vento as suas imprecações. Em vão se procura a chave da casa de arrecadação da lancha que poderá salvar da morte Lavagante e os homens da sua companhia. A chave desapareceu. Quem a roubou foi Lionor que, movida pelo despeito, antes quer ver morto o homem a quem ama do que sabê-lo de outra mulher. Maria Bem, a princípio indignada, acaba por compreender a dimensão trágica do amor da sua rival – e perdoa-lhe. Entretanto, Manel Lavagante, manobrando habilmente a embarcação em perigo, consegue atravessar a rebentação e arribar à praia, salvando-se e aos companheiros. O pérfido plano de Lionor surtiu efeito contrário. Vitorioso sobre o mar, que venceu sozinho com a força do seu pulso, Manel Lavagante pode, finalmente, ser «o homem» de Maria Bem.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 258-259.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.